



Dr. Gilmário – V Simpósio da Aerinca – Agosto/2008

## **DR. GILMÁRIO MACEDO DE OLIVEIRA**

Uma autobiografia não começa se o autor da matéria tem de si mesmo auto-indulgência. Somos mais o que aos outros parecemos. E, ainda, somos o que dizemos. O que pensamos, o que esperamos, será aquilo que nunca se apreende. Talvez seja assim o destino: sabemos o que irá acontecer, saberemos que nada impedirá que se complete o esperado, matéria do sonho ilusão. Assim, ficamos quietos, a observar o espetáculo do mundo, tudo a se desdobrar diante do nosso olhar, côncios da secreta certeza de que com o mesmo mundo acabaremos. Nós, humanos, é assim que somos: parcelas da extensão, prisioneiros do pensamento...

Esta breve digressão, ato introdutório para a peça que se irá montar, espero que tenha seu valor, uma vez que será sincera.

Caboclo algeruano, vi a luz do mundo numa diáfana tarde de julho, no meio duma pausa que os céus nos concederam, abrandando o dilúvio que se abatia sobre a Algeru-açu. Passava uma procissão em louvor de Nossa Senhora do Carmo. Aquele hino que cantavam, não era para mim. O paraíso da infância, visto das lonjuras do hoje, foi aquilo que um paraíso deve ser: um idílio pastoral. A adolescência me encontrou perdido no dédalo de águas, ali onde o alheamento da juventude engendrava mornas fantasias. Iniciando no ofício hipocrático, fiz-me ao largo e dei com os costados na esfuziante de São Sebastião do Rio de Janeiro, quando corria o Natal de 1974.

Duas manhãs depois, postado de costas para o cinzento prédio da Cruz Vermelha, contemplei o arco suave com que se dobrava a frontaria daquele labirinto, onde penetrei e vi se desenrolar o fio do meu destino. Passei pelas provas e fui agaloardo com o posto de médico – residente do INCA. No dia seguinte, fui recebido pelo Bezerril e encaminhado para o alojamento, onde já estavam duas ovelhas desgarradas, vindas da Terra dos Marechais. Logo se juntaram à Legião Estrangeira, o “inglesinho”, o enxadrista goiano, o aguerrido cabano de “Belém” (o “l” soando como “lh”, assim os paraenses enunciavam o nome de sua capital), o perfeccionista Visgueiro, o oscilante João- pessoano e, o “pistolinha”, cujo revelava nos “rrs” guturais, sua caipirice paulista. Não aquela de Jeca Tatu, mas aquela dos bandeirantes que se embrenharam pelos sertões dos rios Tietê e Paraná. Frequentava também, o nosso redil, o cosmopolita campineiro. Logo, arribaram os in cãs, despencados dos altiplanos andinos. D. Llosa, com seu semblante de velho sarcedote. E outros tantos reinóis castelhanos com suas cataduras indiáticas e arrevezado “portunhol” a comparar “cosas mas grandes” com outros tantas “mas pequenas”.

## **CASOS PITORESCOS**

Sim, lavávamos nossas roupas menores nas pias dos banheiros, sob o inspirado samba de Luis Melodia, o qual nos animava a esfregar meias e cuecas deixadas de molho desde a véspera no OMO(aquele que lava mais branco...)

Os pegadores de roupa ainda eram de madeira. Pinho bom que agüentava a água e retinha a tinta das “bicas” com as iniciais dos proprietários. Havia uma certa complacência quanto ao uso destes indispensáveis utensílios, mas não por parte de Newton Visgueiro, cioso de suas propriedades, marcadas com maiúsculos NV. Alguns deles desapareceram e o diligente Visgueiro saiu à cata daquele tesouro pirateado, logo encontrando os objetos amados, reconhecidos sob grosseira falsificação, onde o V ganhava uma barra horizontal, tornando-se um A e, o N que se tornara capenga., pois ganhara uma perna mal-ajambrada! Emblema que perdeu seu significado, revelando as estranhas relações entre o homem e os sinais...

Chegamos só limite das trinta linhas. Daqui, onde o mar acaba e a terra espera, envio alvíssaras aos argonautas que se aventuraram na ilha do INCA, em busca do saber. “Vale”